

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Saete Vedovatto Facco

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: um olhar sensível e  
o diálogo de saberes populares em uma comunidade quilombola.

Porto Alegre

2º semestre

2015

Salete Vedovatto Facco

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: um olhar sensível e  
o diálogo de saberes populares em uma comunidade quilombola.

Trabalho de Conclusão apresentado à  
Comissão de Graduação do Curso de  
Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial e  
obrigatório para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Lemos da  
Cunha Della Libera

Porto Alegre

2º semestre

2015

*“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática”*

Paulo Freire

## **AGRADECIMENTOS**

São muitas as pessoas que, de uma forma ou outra, contribuíram para minha formação acadêmica e a realização desse trabalho de conclusão.

Inicialmente, agradeço minha mãe Rosalina Vedovatto por todos os ensinamentos e educação que me constituem como pessoa; também à minha querida tia Albina Vedovatto que sempre me ajudou nos momentos de aperto; e a todos meus irmãos.

Agradeço, de forma muito especial, à minha companheira Carla, que me incentivou a fazer Pedagogia, pelo auxílio nos momentos difíceis e por ter comemorado junto, todas as minhas conquistas.

Agradeço aos meus filhos, Laura e Caio, pela compreensão das minhas inúmeras ausências em função dos estudos.

Aos professores e professoras que, durante os quatro anos de formação, me fizeram refletir sobre a educação e o significado de ser uma educadora.

Aos momentos vividos com todos os colegas e aos maravilhosos diálogos com as amigas mais próximas e queridas, especialmente à Sabrina, à Sibebe, à Dani, à Elaine; que foram colegas e parcerias durante todo o curso, me auxiliando nas horas de dificuldades e rindo nas horas de felicidade e descontração; são amigas para vida.

Às mulheres do Quilombo, toda minha gratidão, por permitir que eu fizesse parte de suas vidas, seus ritos e crenças, suas verdades e saberes. Foi uma vivência enriquecedora para minha vida e formação como educadora, encontrei um grupo que resiste às violências de nossa sociedade capitalista e preconceituosa.

Em especial agradeço à professora Valéria, pelo suporte dado no meu estágio, pela sua amizade, dedicação e esforços.

Por fim, agradeço à minha orientadora, professora Aline, pela paciência e pela acolhida no grupo “Justiça com as próprias mãos”, que se tornou o “corpo e a alma” de minha caminhada acadêmica, sobre qual faço reflexões nesse trabalho de conclusão.

Sem esquecer, agradeço à banca formada por Thais Guma Pagel e Paulo Peixoto Albuquerque, pela valorização e contribuição no processo de avaliação desse trabalho de conclusão.

## RESUMO

Este trabalho, de abordagem qualitativa, tem como objetivo refletir sobre as formas de ensinar e aprender em um espaço não escolar: a associação comunitária de um quilombo urbano na cidade de Porto Alegre. As análises partem dos registros sistematizados em relatórios semanais das oficinas de artesanato, onde foram confeccionados sabonetes de ervas medicinais e sabão ecológico, realizadas em 2013 e 2014, por meio do projeto de extensão “Justiça com as próprias mãos”: manualidades e Direitos Humanos das Mulheres - intermediando a valorização das práticas artesanais e dos conhecimentos populares que circulavam por este grupo constituído por mulheres quilombolas. Neste trabalho de conclusão, a metodologia adotada foi a de análise de documentos, inspirada nas considerações de Figueiredo (2007). Como suporte para as análises, abordamos os seguintes conceitos: Educação popular e ambiental (REIGOTA, 1991; SORRENTINO, 2014), diálogo de saberes (LEFF, 2009), formação do sujeito ecológico (CARVALHO, 2012), educação popular em espaços não escolares (BRANDÃO, 2015; CUNHA, 2014), a fim de compreender os processos de ensinar e aprender, bem como ressaltar a valorização dos saberes e a reapropriação dos conhecimentos populares, neste caso, sobre ervas medicinais. Podemos dizer que os conhecimentos compartilhados com as mulheres quilombolas foram (re)afirmados no contato direto e duradouro, buscando o diálogo entre o saber popular e o acadêmico, significativa aprendizagem para professores em formação.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental Popular. Espaços não escolares. Diálogos de saberes. Saber popular e saber científico.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Momento de explicação "uma a uma" - Arquivo Pessoal.....	21
Figura 2 - Momento de explicação "uma a uma" - Arquivo Pessoal.....	21
Figura 3 - As avós e suas netas - Arquivo Pessoal.....	22
Figura 4 - Vídeo didático .....	23
Figura 5 – Oficina de Sabonetes - Arquivo Pessoal.....	23
Figura 6 - Desenformando sabonetes - Arquivo Pessoal. ....	24
Figura 7 - Preparando Sabonetes - Arquivo Pessoal.....	24
Figura 8 - Preparação do sabonete de calêndula - Arquivo Pessoal. ....	25
Figura 9 - Sabão Ecológico - Arquivo Pessoal. ....	27
Figura 10 - Ervas, especiarias e anotações de campo - Arquivo Pessoal. ....	28
Figura 11 - Oficina de chás- saber histórico das mulheres - Arquivo Pessoal. ....	30
Figura 12 - Oficina dos Chás - Arquivo Pessoal.....	31
Figura 13 - Chás expostos sobre a mesa - Arquivo Pessoal. ....	31
Figura 14 - Sabonetes com ervas medicinais - Arquivo Pessoal. ....	34
Figura 15 - Sabonetes e ervas medicinais usados durante as oficinas - Arquivo Pessoal. ....	34
Figura 16 - Sabonete com erva em forma de flor - Arquivo Pessoal.....	34
Figura 17 - Sabonetes de ervas medicinais sendo desenformados - Arquivo Pessoal.....	34

## Sumário

1 INTRODUÇÃO .....	7
2 ESTUDOS TEÓRICOS: saber ambiental, sujeito ecológico e educação ambiental popular .....	9
2.1 O saber ambiental: uma nova forma de pensar, conhecer e atuar no mundo. ....	9
2.2 Formação do sujeito ecológico .....	10
2.3 Educação popular: o diálogo para a produção do conhecimento popular e científico .....	11
2.4 Uma consciência e uma sensibilidade acerca do meio ambiente e dos problemas a ele associados. ....	13
3 METODOLOGIA .....	15
3.1 Contextualização da experiência .....	17
3.1.1 Proposta e formação do grupo .....	17
3.1.2. Proposta de Sistematização.....	18
3.1.3 Produzindo sabonetes e diálogos .....	19
4. O CONHECIMENTO POPULAR, A FORMAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO E O DIÁLOGO DE SABERES: ANÁLISE DOS DADOS.....	21
4.1 A felicidade expressa nas trocas de saberes.....	21
4.2 “Jogo ali no pátio”: discutindo a sensibilidade ambiental .....	25
4.3 Produzindo conhecimento: um encontro de saberes populares e científicos .....	28
4.4. Surpresas reveladas.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS:.....	38
APÊNDICES .....	40
Apêndice A - Material didático para as oficinas de sabonetes de ervas .....	41
Apêndice B – Material sobre ervas medicinais.....	43
Apêndice C – Material sobre sabão ecológico.....	44
Apêndice D – Material para a oficina dos chás.....	46
Apêndice E – Material Didático para as oficinas de chás.....	49
Apêndice F – Relatório das Atividades do Projeto de Extensão .....	54
Apêndice G – Relatório das Atividades do Projeto de Extensão .....	55
ANEXO.....	56
ANEXO A – Termo de Consentimento .....	57

## 1 INTRODUÇÃO

Início este trabalho relatando um pouco do meu percurso acadêmico até o ingresso no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e sobre como surgiu o desejo de realizar atividades de extensão com sujeitos jovens e adultos. Comecei minha vida acadêmica no curso de Agronomia, da mesma universidade, em 1996. Eu me interessava por tudo que se referia ao cultivo da terra, à preservação da natureza e à sustentabilidade da vida. No entanto, não pude concluir este curso, pois, na época, se tornou difícil cumprir as exigências acadêmicas e dar conta da criação de dois filhos pequenos. Por causa dessas e de outras dificuldades, em 2005 desvinculei-me da instituição e só retornei em 2011, quando ingressei no Curso de Pedagogia. Tomei esta decisão com o interesse de me tornar uma educadora voltada para a questão ambiental.

Com a intenção de trabalhar os temas relacionados à educação ambiental popular, aceitei o convite para fazer parte do grupo de pesquisa e de extensão, como bolsista extensionista no projeto “Justiça com as próprias mãos”<sup>1</sup>. Minha ação na extensão era a de colaborar com uma pesquisa que tratava de como ocorria a aprendizagem em grupos populares, no caso, o de mulheres, potenciais estudantes da modalidade EJA.

Ao término da pesquisa, a ação de extensão, na qual eu era a extensionista, passou a focar outro grupo popular, o de mulheres quilombolas residentes em um Quilombo Urbano na cidade de Porto Alegre. Essa ação de extensão teve como objetivo perceber os processos educativos que circulavam por este grupo de mulheres, observando como se dava a construção do conhecimento popular, elaborado na troca de saberes existente no diálogo entre as participantes do grupo. A intervenção, que ocorreu numa realidade sociocultural quilombola, enfocou a troca de saberes populares e como se dava a elaboração de conhecimentos populares/científicos em espaços não escolares. Neste processo, a produção artesanal e o diálogo que surgia no grupo, em função da

---

<sup>1</sup> Projeto de extensão coordenado pela Profa Dra Aline Lemos da Cunha Della Libera e registrado no Sistema de Extensão da UFRGS, em 2015, com o número [28161]. Por meio de um jogo de palavras, a expressão “Justiça com as próprias mãos” é reinventada, tendo a prática artesanal como contexto e pretexto para discussões sobre a violência contra as mulheres e o conceito de justiça. Na Edição 2015, o projeto foi contemplado pelo Edital PROEXT e os grupos de discussão e artesanato foram pensados para mulheres em situação de prisão, passando a denominar-se “Justiça com as próprias mãos”: manualidades e Direitos Humanos das Mulheres.



produção de sabonetes de ervas medicinais, foram os elementos que compuseram nossas análises.

Durante três semestres como bolsista de extensão no projeto, busquei fomentar o diálogo com um grupo de dez mulheres, entre as mesmas e delas comigo, como formadora no grupo. Neste projeto, desenvolvido num espaço urbano e quilombola, procuramos que as participantes manifestassem seus conhecimentos sobre as ervas e buscassem legitimar e valorizar esse saber, necessário para a produção dos sabonetes. Buscou-se, como consequência, garantir o acesso e convivência com esse bem ambiental (CARVALHO, 2012) para o grupo, a partir de um diálogo de saberes (LEFF, 2009), da perspectiva de geração/produção sustentável de renda e do incentivo à educação ambiental popular como práxis cidadã (REIGOTA, 1991; SORRENTINO, 2014), adotando a base metodológica da educação popular em espaços não escolares (BRANDÃO, 2015; CUNHA, 2014).

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), objetiva apresentar e refletir sobre o desenvolvimento dos projetos de pesquisa e extensão, sobre os métodos utilizados, as observações feitas e os resultados obtidos. Para esta análise, os referenciais teóricos são fundamentais para a compreensão destes contextos de ensino e aprendizagem, percebendo como se dá a transmissão dos saberes neste local, temas relevantes para a reflexão sobre espaços não escolares, mas também para a modalidade EJA.

Para tanto, este trabalho será dividido em quatro partes. Primeiramente, será apresentado e discutido o Referencial Teórico, dando ênfase aos conceitos de Educação popular e ambiental (REIGOTA, 1991; SORRENTINO, 2014), ao diálogo de saberes (LEFF, 2009), à formação do sujeito ecológico (CARVALHO, 2012) e às práticas fundamentadas na Educação Popular em espaços não escolares (BRANDÃO, 2015; CUNHA, 2014).

No segundo, será delineada a pesquisa realizada nos documentos gerados a partir dos relatórios reflexivos da ação de extensão “Justiça com as Próprias Mãos”, elaborados por mim durante a atuação como bolsista, com suporte teórico de Figueiredo (2007).

No terceiro apresentarei as reflexões feitas a partir da análise dos relatórios e, no quarto capítulo, abordo as considerações finais.

## **2 ESTUDOS TEÓRICOS: saber ambiental, sujeito ecológico e educação ambiental popular**

Nesse capítulo faço a apresentação dos conceitos que compõem os referenciais teóricos que fundamentaram minhas reflexões e a produção desse trabalho de conclusão.

### **2.1 O saber ambiental: uma nova forma de pensar, conhecer e atuar no mundo.**

Alguns dos conhecimentos necessários para a vivência em sociedade não são descobertas recentes para a humanidade. O uso de ervas para o tratamento de doenças, por exemplo, remonta a tempos longínquos de, aproximadamente, 2000 anos atrás: os gregos e os romanos usavam a babosa (*Aloe Vera*) como cicatrizante e, por séculos, tem sido usada para curar queimaduras, inflamações e feridas da pele (CURTIS, 2011). Este saber, assim como tantos outros, foi repassado entre as gerações e permanecem necessários e aplicados até os dias de hoje. No caso da babosa, a ciência moderna reconhece suas propriedades medicinais e, inclusive, podemos encontrá-la em forma de medicamentos produzidos por laboratórios na indústria farmacêutica.

Estes saberes e esta valorização do meio natural, transmitidos entre gerações e culturas por meio do diálogo, precisam ser reafirmados, pois são essenciais para sustentabilidade da vida (e da humanidade). Conforme Leff (2009, p. 19) “o saber social emerge de um diálogo de saberes, do encontro de seres diferenciados pela diversidade cultural, orientando o conhecimento para a formação de uma sustentabilidade partilhada.”.

Para Leff (2009, p.18), o saber ambiental “reafirma o ser no tempo e o conhecer na história; estabelece-se em novas identidades e territórios de vida; reconhece o poder do saber e da vontade de poder como um querer saber”. Seguindo as afirmações de Leff (2009), entendo que um Quilombo Urbano, em estudo neste trabalho de conclusão, possui uma identidade diferenciada de outros, uma vez que se encontra inserido em uma grande cidade. Tal fato pode dificultar a reafirmação de seu legado no tempo e na história.

O mundo moderno, dotado de novas e avançadas tecnologias no âmbito farmacêutico, por décadas subjugou o uso e a troca de saberes populares sobre ervas medicinais, presentes em territórios muitas vezes desconsiderados e até desconhecidos

pela academia. Com isto, estes territórios, também podem ter subestimado e desvalorizado o conhecimento que tinham sobre determinados assuntos, dificultando sua capacidade de empoderamento diante destes saberes.

Leff (2009) retoma a relevância dos saberes populares e das coisas simples que têm sido ignoradas ou subjugadas em nome do que se considera ciência, mas que são importantes para alguns grupos sociais e que aproximam os sujeitos do entendimento da sua ancestralidade, do seu contexto e de sua realidade:

O saber ambiental busca conhecer o que as ciências ignoram, porque seus campos de conhecimento projetam sobras sobre o real e avançam, disciplinando paradigmas e subjugando. (...) O ambiente é um saber sobre a natureza externalizada, sobre as identidades desterritorializadas, a respeito do real negado e dos saberes subjugados (...) (p.18-19).

No caso deste estudo, quando as mulheres quilombolas participantes no projeto perceberam, durante as oficinas, que o seu conhecimento sobre as ervas, guardado em sua memória e evidenciado no diálogo, estava sendo valorizado, a partilha no grupo foi se consolidando. Tornou-se fundamental a retomada destes saberes para a construção de um saber social compartilhado. Tal aspecto pode ser justificado pela referência de Leff (2009, p.19), quando diz que “o saber social emerge de um diálogo de saberes, do encontro de seres diferenciados pela diversidade cultural, orientando para a formação de uma sustentabilidade partilhada”.

As vivências que tive neste Quilombo, me conduzem a refletir que “a educação ambiental é o processo dialógico que fertiliza o real e abre a possibilidade para que se chegue a ser ainda o que não se é” (LEFF, 2009, p. 23), o que torna pertinente tal discussão como foco deste trabalho de conclusão de curso. Contudo, acredito ser, na partilha da lembrança dos saberes populares sobre as ervas, que aquelas mulheres têm guardados em suas memórias e vivências, que se evidenciou o entendimento da valorização do saber popular de sua transmissão de geração em geração, de sujeito em sujeito, caracterizando-o como um bem ambiental e cultural.

## **2.2 Formação do sujeito ecológico**

No âmbito das discussões sobre Educação Ambiental, cabe ressaltar a importância do conceito de sujeito ecológico. Carvalho (2012) apresenta uma das

aspirações das políticas públicas de Educação Ambiental (EA) nas últimas décadas, quando ocorreu o surgimento de práticas sociais voltadas para as relações entre a sociedade e o ambiental: a formação do “sujeito ecológico” (p. 26). Esta autora considera que para ocorrer tal relação, de maneira a promover a sustentabilidade, é preciso que os educadores ambientais promovam mediações entre a esfera educacional e o campo ambiental, produzindo reflexões, análises das diferentes concepções, adotando metodologias que promovam experiências que visem construir novas bases de conhecimento e valores ecológicos, nestas e nas futuras gerações. É destas relações e diálogos, segundo esta autora, que podemos ver surgir o “sujeito ecológico”.

Pode-se entender que a proposta de EA que Carvalho (2012) aborda, tem como objetivo construir um sujeito ecológico e, ao mesmo tempo, é efetivada com a mediação do educador ambiental e a participação dos sujeitos envolvidos. Sendo assim, em sua formação, o “sujeito ecológico será capaz de “ler” seu ambiente e interpretar as relações, os conflitos e os problemas aí presentes” (p. 75). O conhecimento é, desta forma, aprimorado e ampliado no diálogo com outros saberes, tanto científicos quanto populares, diálogo esse que, envolvido pela complexidade das questões ambientais, busca alternativas para as problemáticas ambientais da comunidade.

Além disto, a autora, em seus escritos, considera que a “EA como prática educativa reflexiva” abre um caminho para a “sensibilização ambiental e valores emancipadores” (p.106). Por fim, trata-se de reconhecer que, para aprender a problemática ambiental, é necessária uma visão complexa do meio ambiente, em que a natureza integra uma rede de relações não apenas naturais, mas também das relações das pessoas, em nosso caso, mulheres, com a natureza.

### **2.3 Educação popular: o diálogo para a produção do conhecimento popular e científico**

A Educação Popular, como salienta Brandão, “realiza-se em todas as situações onde as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações” (2015, p.50), aprendendo por meio da reflexão sobre suas práticas e vivências. É dos saberes e experiências compartilhados que o saber popular vai sendo transmitido, de geração em geração, sendo transformado e adquirindo novos significados.

Concordamos com o pensamento de Brandão (2015, p.48), quando constata que todo diálogo estabelecido, num espaço não escolar, também é de produção de conhecimentos, assim como num espaço acadêmico, mesmo sendo diferentes em seus propósitos e formas de sistematização. Neste espaço, as pessoas criam, fortalecem seus saberes e vão (re)fazendo seu conhecimento, educando-se. Por meio destes processos, podem se reconhecer como um sujeito coletivo e atuando na transformação de sua história e da sua cultura.

Dentro do espaço quilombola, foi preciso perceber como o saber popular circulava e refletia na formação do grupo; e, para tal entendimento, foi preciso criar um espaço de convívio reincidente, que se estabeleceu numa trama de relações, de sentimentos e de encontro de saberes. Isso implica no exercício permanente de aprender a ouvir e ver com olhos de quem quer ver, valorizando os conhecimentos populares para (re)inserir-los em seu cotidiano.

Para Brandão

Educação Popular é o processo coletivo através do qual as classes populares se educam com a sua própria prática, e consolidam o seu saber com o aporte da educação popular, porque o que ela ‘ensina’ vincula-se no saber popular, do seu contexto social e sua realidade praticada (2015, p.48).

Na verdade, as práticas da educação popular mencionadas por Brandão, acontecem em processos educativos de caráter participativo, de reflexão coletiva, em espaços autônomos (escolares ou não escolares) e de solidariedade entre os membros do grupo. É no diálogo firmado no grupo que se aceita ou se nega um saber. Aquilo que é entendido como “bom” para comunidade e relacionado com suas vivências e necessidades, passa a ser um bem, um conhecimento popular, uma verdade para o grupo. Nasce aí o saber popular e o bem cultural, que sempre pode ser problematizado.

É no diálogo, estabelecido entre os participantes, seja como ouvintes, críticos ou colaboradores, que ideias são partilhadas, que lembranças são trazidas à tona que as reflexões são feitas e, desta forma, são elaborados e transmitidos os saberes. Não pode haver educação popular sem um grupo, sem pessoas partilhando ideias, memórias e vivências.

Esta é a razão pela qual se pode pensar a educação popular como um trabalho coletivo e organizado do próprio povo, a que o educador é chamado a participar para contribuir, com o aporte de seu conhecimento “a serviço” de um trabalho político que atua especificamente no domínio do conhecimento popular. (BRANDÃO, 2015, p.51).

Na ação de extensão realizada, em um Quilombo Urbano, pude perceber a construção deste saber popular, a partir da troca de experiências realizadas pela comunidade, conforme sugere Brandão (2015). Foi nas oficinas realizadas, como trabalho pedagógico, que observei e registrei que o conhecimento construído ali, se fez no diálogo da extensionista com as mulheres quilombolas e entre elas mesmas. A produção de sabonetes artesanais serviu para criar ideias, para ativar memórias e para trocar saberes populares já esquecidos, mas ainda significativos e valorosos.

Neste trabalho reflexivo, buscarei apresentar como ocorreu a criação e a transmissão do saber popular durante os diálogos estabelecidos, bem como se deu a relação das mulheres com esses saberes e a natureza, na consolidação de um bem ambiental coletivo.

#### **2.4 Uma consciência e uma sensibilidade acerca do meio ambiente e dos problemas a ele associados.**

Reunindo as discussões anteriores sobre Educação Ambiental e Educação Popular, surge um novo conceito: a Educação Ambiental Popular (EAP). Esta concepção de Educação tem se consolidado como fundamento para as práticas educativas, com vistas a melhorar a qualidade de vida nas comunidades. Segundo Reigota (1992), a EAP tem o objetivo de promover a consciência crítica e uma sensibilidade acerca do meio ambiente e dos problemas a ele associados. Ela inclui a necessidade de ações que visem o encontro de soluções aos problemas ambientais de cada comunidade.

A EAP busca a visibilidade do potencial crítico dos grupos populares e com isso impulsionar a tomada de decisões acerca dos problemas que os afligem cotidianamente em suas comunidades. Nesse sentido, Sorrentino (2014 p. 146-147) afirma que é urgente que os projetos educativos (como a ação de extensão aqui referida) cheguem até as comunidades e grupos sociais para, junto deles e com eles, estimular a capacidade reflexiva e a criatividade desses grupos. Também, estes projetos devem incentivar a vontade e a capacidade de imaginar e devem enunciar o seu projeto de futuro dialogando sobre ele, empoderando-se e ampliando o desejo de emancipar-se.

Sorrentino (2014) expressa que para ocorrer a Educação Ambiental Popular são necessários processos educacionais pautados na construção de espaços de aprendizagens dialógicos, respeitando o fato de que “o que quero ensinar tenha como pré-requisito o

desejo de aprender e o estímulo à análise crítica do outro” (p.146). Nesse sentido, o Educador Ambiental Popular deve saber que o seu papel é de propiciar um diálogo empoderador, crítico e também acolhedor, que permita provocar sentimentos, enriquecer a alma e provocar os sonhos (SORRENTINO, 2014).

Para finalizar, entendo que é preciso que se desenvolva um “diálogo com a sociedade, procurando compreendê-la criticamente, historicamente, conjuntamente, em toda a sua estrutura e contradições, de forma a sentir-se potente para transformá-la com os outros e para o bem de todos” (SORRENTINO, 2014, p. 147). Foi este diálogo participante, reflexivo e empoderador que procurei criar e estimular no grupo, para que o ambiente fosse visto, pelas mulheres da oficina, como um bem a ser preservado tanto no Quilombo como fora dele, sendo de todos e para todos.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, adotou os pressupostos teóricos e metodológicos da análise de documentos. Os dados que compõem o *corpus* desta análise são os registros escritos em relatórios semanais das oficinas realizadas ao longo de todo o projeto de extensão universitária: “Justiça com as próprias mãos”, que ocorreu de abril a agosto de 2013 e de maio a dezembro de 2014. A análise dos dados foi feita mediante a leitura reflexiva das falas significativas. No momento da escrita dos relatórios e diário de campo, na verdade, o propósito não era o de fazê-lo para o trabalho de conclusão. O TCC teria outra temática: a Educação Ambiental (EA). Tendo em vista todo o material escrito e a presença da temática EA nos textos, optamos por proceder com as análises e tê-los como material empírico para a escrita deste TCC.

A intencionalidade da referida ação de extensão era compreender como se dava a elaboração do conhecimento popular, as aprendizagens e a troca de saberes nesse grupo de mulheres quilombolas, criado com o objetivo de produzir artesanalmente sabonetes de ervas medicinais e sabão ecológico, bem como realizar oficinas pedagógicas sobre chás, enfocando seu uso fitoterápico.

Para este trabalho de conclusão, seguindo os registros das discussões feitas durante a execução desta atividade extensionista, elaborou-se a seguinte questão:

**Como se dá a promoção do conhecimento e a troca dos saberes populares e científicos em um grupo de mulheres quilombolas, a partir de um olhar sensível/atento voltado para a educação ambiental popular num espaço não escolar?**

Diante desse questionamento central, o objetivo geral deste trabalho de conclusão foi *analisar os relatórios das oficinas de sabonetes de ervas medicinais, de chás e de sabão ecológico, a fim de compreender os processos de ensinar e aprender presentes em um grupo de mulheres quilombolas.*

Através de um olhar reflexivo sobre as falas significativas das mulheres do grupo, registradas em relatórios escritos, obtivemos o material empírico que foi avaliado com base, principalmente, nos pressupostos teóricos da Educação Popular (BRANDÃO, 2015 e CUNHA, 2014), da Educação Popular Ambiental (REIGOTA, 1991;



SORRENTINO, 2014 e CARVALHO, 2012) e do referencial sobre os diálogos dos saberes (LEFF, 2009), entre outros.

Mesclando depoimentos, diálogos, vivências e conceitos teóricos, organizamos os seguintes objetivos específicos:

- refletir sobre as falas das mulheres quilombolas buscando entender, nos diálogos feitos, como ocorreram as trocas de saberes populares entre as mesmas;
- identificar como ocorre a elaboração do conhecimento popular/científico num espaço não escolar, com base evidenciada nos documentos;
- entender as relações das mulheres quilombolas com a natureza e como é tratada a questão ambiental no grupo;
- contribuir com os estudos sobre os diálogos de saberes em grupos populares, em espaços não escolares.

Dessa forma, esse trabalho de conclusão buscou suporte em Figueiredo (2007) em sua abordagem sobre a pesquisa documental, a qual pode apresentar diferentes documentos como objeto de investigação. É importante grifar que esses documentos podem ser escritos e não escritos, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias, pôsteres podendo incluir, também, a utilização da memória de fatos significativos. Tais documentos são, portanto, “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (FIGUEIREDO, 2007). Caracterizam-se por trazer, em seu conteúdo, informações e esclarecimentos sobre determinadas questões e servem de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador durante sua análise.

Neste trabalho de conclusão foram utilizados como material empírico para a análise: relatórios das oficinas, fotos tiradas nos encontros<sup>2</sup>, o próprio material didático utilizado nas oficinas e memórias pessoais dos diálogos ocorridos. Como ponto de partida, comecei a olhar para minhas experiências como bolsista de extensão e a refletir sobre as mesmas. Então, pode-se dizer que o objetivo deste trabalho não foi somente reler os relatórios escritos e analisá-los, mas, também, atentar nas palavras reveladoras

---

<sup>2</sup> Todas as fotos que apresentamos neste TCC são oriundas do arquivo pessoal da bolsista de extensão. A forma de cobertura dos rostos, a fim de preservar as identidades, vem sendo elaborada/aprimorada pela Professora Aline L.C. Della Libera. Tal proposta consiste em cobri-los com recortes de imagens de olhos e bocas de ícones do movimento feminista (Pagu, Simone de Beauvoir) ou de mulheres que se destacaram na luta por direitos ou na denúncia das situações de opressão vivida pelas mulheres (Frida Kahlo).

de saberes populares, algumas ditas em entrelinhas e que ajudam a compreender como se dão as aprendizagens, a elaboração do conhecimento popular e a formação do sujeito ecológico nesse grupo de mulheres quilombolas, em formação, num espaço não escolar.

### **3.1 Contextualização da experiência**

O projeto de extensão universitária “Justiça com as Próprias Mãos” teve como proposta a realização de oficinas pedagógicas para a produção de sabonetes de ervas medicinais e sabão ecológico, sendo direcionadas para mulheres dispostas a aprender, trocar conhecimentos e, a partir destas aprendizagens, gerar renda.

#### **3.1.1 Proposta e formação do grupo**

Inicialmente, ainda em 2013, os encontros semanais do projeto de extensão aconteciam em uma associação comunitária, sediada no centro de Porto Alegre e contavam com a participação de apenas duas integrantes. No entanto, para haver um maior aproveitamento, percebemos a necessidade de aumentar o número de mulheres que frequentavam o grupo. Para isso, foram realizadas visitas às escolas da redondeza e a um assentamento urbano próximo. No entanto, não houve o acréscimo de participantes no projeto. Com a preocupação de não atingir os objetivos propostos para o mesmo, buscamos convidar outras comunidades para integrarem o grupo inicial e, dessa forma, iniciaram-se os diálogos com a coordenadora da associação de um Quilombo Urbano, situado em Porto Alegre e composto por aproximadamente setenta famílias.

Apesar de demonstrarem interesse pelo projeto, a princípio, não houve a participação das mulheres desta comunidade. No entanto, as manifestações de interesse levantaram um questionamento sobre o motivo pelo qual elas não ingressaram no grupo e, a fim de investigar um pouco mais, realizamos algumas visitas ao Quilombo.

Constatei que a referida área quilombola, continha casas de construção simples, algumas até improvisadas e vulneráveis. Além desta característica, notei, também, a presença significativa de pré-adolescentes e adolescentes que estavam sob a responsabilidade das avós, deixando visível o possível motivo para que não se afastassem da comunidade.

A resolução deste impasse se deu com a transferência do projeto “Justiça com as Próprias Mãos” para a sede da associação comunitária do Quilombo, após a concordância de todos os envolvidos com a realização do projeto. Dessa forma, o número de participantes aumentou significativamente (chegando a uma média de 15 mulheres) e o trabalho se renovou.

Como já mencionado, o projeto de extensão foi reestruturado, reiniciando em 2014 com nove moradoras do Quilombo, uma participante da antiga associação e duas bolsistas da UFRGS. Nesta reconfiguração do grupo, com a retomada das atividades do projeto, abriu-se a possibilidade de participação de avós e de suas netas. Isso oportunizou o encontro de duas gerações bem diferentes, o que enriqueceu as trocas de saberes dentro grupo. Esta diferenciação etária dos sujeitos, na socialização de ideias, dentro dos diálogos ocorridos, ampliou ainda mais a diversidade das trocas de saberes e as aprendizagens desse grupo específico.

### 3.1.2. Proposta de Sistematização

Para a sistematização das aprendizagens, construídas ao longo do projeto, foram elaborados diferentes instrumentos para a composição de um material didático, construído concomitantemente ao desenvolvimento do projeto de extensão “Justiça com as Próprias Mãos”. Esta composição contou com a confecção de *banners*, que foram divulgados nos salões de extensão universitária da UFRGS, o que promoveu a ação realizada, contando com fotos e o *slogan* do projeto.

Além deste recurso, preparou-se um material impresso com os aspectos relevantes a serem destacados, para distribuição entre as participantes do projeto, sendo estruturado de forma a divulgar os métodos utilizados para a produção de sabonetes. Também foi prevista e realizada, como proposta de sistematização, a montagem de um vídeo com exposição das aulas e das metodologias utilizadas, com foco na produção de sabão ecológico, a partir do óleo de cozinha reutilizado, discutindo Educação Ambiental e sustentabilidade.

### 3.1.3 Produzindo sabonetes e diálogos

Tendo como foco o desenvolvimento de aprendizagens, optamos pela realização de oficinas de sabonetes de ervas medicinais, oficinas de chás e produção de sabão ecológico, procurando consolidar na comunidade um espaço não escolar de troca de saberes, onde a relação dessas mulheres com a natureza pudesse ser observada. O projeto, ao ensinar a produzir sabão e sabonetes artesanais, buscou entender como se dava a aprendizagem neste grupo, como ocorria a produção de conhecimentos surgidos no encontro do conhecimento trazido “de fora” (pela formadora) com as memórias e experiências vividas pelas mulheres do grupo, procurando perceber a importância desse conhecimento para o grupo como um todo.

Para alcançar estes objetivos, os encontros ocorreram uma vez por semana, nas quartas à tarde, das 14h às 17h, com três horas de duração. Neste período, realizamos a produção dos sabonetes, destinando espaço para conversas que permitiram a exposição de sentimentos, de saberes e de incertezas das mulheres do grupo, os quais compunham suas identidades. Nestes encontros, havia um momento de confraternização com lanches trazidos de forma voluntária pelas participantes.

Como forma de registro, foram feitos relatórios de cada encontro, com anotações num caderno de campo, onde foram colocadas as informações consideradas relevantes, os dizeres considerados mais significativos e as questões entendidas como problematizadoras, em conversas aparentemente despretensiosas. Também, foram inseridos nestes cadernos, dados referentes à produção dos sabonetes, os materiais utilizados, as quantidades produzidas, a arrecadação feita e os materiais que deveriam ser adquiridos para a próxima oficina. Além disto, como já referido, foram feitos registros fotográficos e vídeos das aulas. Estes foram editados e organizados de forma a compor o material didático que foi disponibilizado para as mulheres e para a apresentação/divulgação da ação de extensão, como já mencionado.

Em relação à renda obtida, pela venda dos sabonetes produzidos, ficou combinado que a mesma seria dividida entre as mulheres participantes, observando algumas ressalvas para garantir uma distribuição mais justa, como, por exemplo, que recebesse sua parte das vendas somente quem tinha mais de três presenças no mês. Isso foi um cuidado exigido pelo grupo para manter o compromisso com o trabalho desenvolvido. As vendas dos produtos ocorriam em feiras, para as quais as participantes

eram convidadas como associação quilombola ou eram feitas por encomendas de conhecidos, como vizinhos e familiares. Uma vez por mês, produzimos sabonetes para o grupo, sem o motivo de gerar renda e, sim, de motivar sensações, sendo toda a produção dividida igualmente entre as mulheres, que destinavam os produtos da forma que melhor lhes conviesse.

A elaboração dos sabonetes se deu com a orientação da bolsista de extensão, onde era explicado detalhadamente cada passo que constituía o processo de produção. Todas participaram de todo o processo, desde o corte e preparo da glicerina até a embalagem dos produtos. Como parte do aprendizado e com finalidade de obter maior autonomia para a produção independente, foi feito, juntamente com as integrantes do grupo, o cálculo de custo para o resultado final, bem como a margem de lucro que poderia ser obtida. Esta prática permitiu a compreensão dos gastos envolvidos e deu subsídios para que, posteriormente, se houver interesse, o trabalho se tornasse uma fonte de renda complementar.

Como já referido, cada participante recebeu um conjunto de materiais para leitura referente à produção de sabonetes. Este material, previamente selecionado, que informações necessárias para produção dos sabonetes, foi lido em conjunto com as mulheres para aprofundamento e dúvidas. Assim, diferentes saberes foram mobilizados para a realização das atividades propostas durante as oficinas. Bem mais do que simplesmente reproduzir uma receita, problematizamos questões de diferentes naturezas, gerando um movimento educativo que levou à troca de conhecimentos entre o grupo e os diálogos sobre um saber popular e acadêmico, dentro do mesmo.

## 4. O CONHECIMENTO POPULAR, A FORMAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO E O DIÁLOGO DE SABERES: ANÁLISE DOS DADOS.

### 4.1 A felicidade expressa nas trocas de saberes.

Durante a oficina de sabonetes, ensinamos e aprendemos, reconhecendo que este aprendizado se estendeu a todas, existindo, então, uma troca de saberes. Foi preciso persistência e dedicação para que este conhecimento fosse construído, muitas vezes conversando “uma a uma”, entendendo a singularidade de cada sujeito e os diferentes tempos de aprendizagens.



Figura 1 - Momento de explicação "uma a uma"  
- Arquivo Pessoal.



Figura 2 - Momento de explicação "uma a uma"  
- Arquivo Pessoal.

A atividade de extensão teve um espírito etnográfico. Durante três semestres estive na comunidade convivendo semanalmente com seus jeitos e contextos, seus valores e cultura. Provei suas comidas e bebi de seus sucos. Foi assim, junto de mulheres à vontade no seu território, mostrando quem são, como são e o que ainda querem ser, que repassamos e trocamos conhecimentos na interação de uma com a outra. Mergulhamos em sua descontração, que nós mesmas construímos e, foi assim, que nos sentimos à vontade em sua casa, D.S. dizia:

-“*Professora não preciso colocar meus dentes, né?*” (D. S.- Relatório I, em anexo)  
 -“*Não repare, mas hoje eu tô de chinelo velho, bem à vontade, professora.*” (D. S. - Relatório I, em anexo)

Nesse sentimento de confiança e respeito, o conhecimento popular era construído e circulava ali no quilombo. Foi assim que as mulheres puderam expressar seus jeitos, suas verdades e saberes, sem medo de se mostrar, de não serem entendidas ou de serem julgadas. A foto abaixo foi registrada no momento em que as avós mostravam às suas netas que os sabonetes que fizeram juntas estavam quase prontos. Representa um dos momentos de troca de saberes entre gerações e também momentos de muita interação.



Figura 3 - As avós e suas netas - Arquivo Pessoal.

As expressões de felicidade e satisfação percebidas e registradas pela foto acima, tirada durante as oficinas de sabonetes, aponta para o fato de que o grupo queria aprender e queria ensinar, desejava trocar experiências e saberes. Sobretudo, demonstrou um respeito pelo saber do outro, indo ao encontro de um dos princípios mencionados por Cunha (2014) quanto trata de que toda e qualquer manifestação do ensinar e aprender, realizada como processo emancipador e empoderador, é feita no diálogo, em suas vivências, conhecendo, criando e ampliando a sua visão de mundo, o que é, portanto, fundamentado nos pressupostos da Educação Popular.

Ao contrário da opinião que considera prejudicial ou inadequada a composição de grupos com diferentes idades reunidas num mesmo coletivo, percebemos que foi positiva e importante a participação da nova geração, “as netas” nas oficinas. Elas



impulsionaram as idosas a expor seus saberes e transmiti-los às mais jovens, que estavam junto delas. A presença das “netas” contribuiu para a difusão do conhecimento popular entre os sujeitos do grupo, evidenciando para a construção das aprendizagens e das trocas de saberes nesses espaços. Brandão (2015) salienta que é “desses saberes e experiências compartilhados que o saber popular vai passando de sujeito em sujeito, de geração em geração, e sendo transformado para cada situação” (p.48).

Os conhecimentos populares articularam-se aos científicos, a partir das reflexões feitas no diálogo entre elas nas oficinas. Toda informação era conversada e relacionada com suas experiências. Aos poucos, a novidade trazida transformava-se em conhecimentos reafirmados e considerados significativos.

Toda informação que circulava no grupo, era avaliada, se considerada relevante, a informação era transmitida, por exemplo, as informações trazidas pela bolsista de extensão. Certa vez, salientei: “*A glicerina que estamos usando na elaboração de sabonetes, é obtida a partir da composição de gorduras e álcool, em uma reação química*”. Essa informação “solta”, isolada, sem relacionar com suas vivências, não foi de interesse para o grupo. Foi preciso provocar curiosidade e relacionar a informação com o cotidiano das mulheres. Percebida essa forma de elaboração do conhecimento do grupo, convidei as participantes a produzir glicerina a partir do óleo de cozinha e, daí, surgiu a ideia de fazermos o sabão de glicerina.



Figura 4 – Vídeo didático.



Figura 5– Oficina de Sabonetes - Arquivo Pessoal.





Figura 6 - Desenformando sabonetes - Arquivo Pessoal.



Figura 7 - Preparando Sabonetes - Arquivo Pessoal.



Figura 8 - Preparação do sabonete de calêndula - Arquivo Pessoal.

Contudo, ficou evidente que na apropriação do conhecimento, mesmo envolvendo um saber popular, esse só é entendido quando faz sentido pra quem cria e vivencia esse saber, relacionado com ações práticas.

#### 4.2 “Jogo ali no pátio”: discutindo a sensibilidade ambiental

Mesmo que as mulheres quilombolas não se considerem sujeitos ecológicos, não significa que não tenham a sensibilidade ambiental, apontada por Carvalho (2012) e que não consigam entender a urgência e a necessidade da questão ambiental na sua realidade sociocultural. Ao contrário, quando percebem que a consciência ambiental influi diretamente em suas necessidades para sobreviver, resolver e lidar com os problemas de seu dia-a-dia e da comunidade, essa sensibilidade se revela e a consciência ambiental se torna algo natural, resultando na promoção de uma cidadania ambiental.

Movida pela intencionalidade de promover uma discussão com o grupo de mulheres sobre a responsabilidade ecológica de cada uma, tensionada por uma reflexão sobre os resíduos, especialmente o de óleo de cozinha, que eram descartados em qualquer lugar, foi que percebi um cenário de falta de informação sobre o meio e a nossa relação com ele. Durante a oficina conversamos sobre como cada uma de nós descartava o seu óleo de cozinha e a surpresa se fez nos relatos da maioria, representado, pelas falas a seguir:

-“*Jogo ali na terra*”. (Sol, 47anos. - Relatório I, em anexo).

-“*Jogo no vaso do banheiro mesmo*”. (D. S, 72 anos - Relatório I, em anexo).

Então, lembro-me que perguntava ao grupo: “*Vocês sabem que esse território onde se formou o quilombo, é uma área de aterro? E que aqui ficava uma casa de praia?*”. Com estas questões, pretendia salientar que descartar de maneira inadequada era prejudicial para elas mesmas. Também salientei que, além de desperdiçar o óleo, estavam poluindo as águas de um manancial da sua cidade, localizado bem próximo a elas.

Contudo, fui diretamente questionada:

-“*Tá sôra, mas o que tenho a vê com isso?*” (Sol, 47 anos, Relatório I, em anexo).

Respondi que o óleo de cozinha derramado na pia da cozinha, no vaso ou no pátio, provoca vários problemas: além de entupir as tubulações, quando chega aos rios forma uma película fina que dificulta a troca de oxigênio entre a água e o ar, causando a morte dos peixes e outros organismos aquáticos. Salientei que se parássemos para pensar um pouco, poderíamos lembrar que todas nós tomávamos da água de um rio e que cada vez que descartamos nossos resíduos de forma inadequada, contribuimos ainda mais para a contaminação deles, o que aumenta a quantidade de produtos químicos utilizados no tratamento para retirar esses poluentes da água e torná-la potável para bebermos. Expliquei que assim como o óleo de cozinha, remédios também são resíduos poluentes<sup>3</sup>, encontrados nas águas do Lago Guaíba, por exemplo, próximos às estações de captação. Destaquei que o óleo de cozinha e os remédios são dois tipos de resíduos bem difíceis de serem retirados da água. Expliquei que, por vezes, os hormônios dos remédios não são totalmente retirados da água tratada, chegando novamente em nossas torneiras, causando problemas à saúde e que, com certeza, é também nossa responsabilidade contribuir para a preservação deste bem natural, a água, elemento vital para a nossa sobrevivência. Minhas reflexões posteriores a esta fala, foram importantes para a escrita deste trabalho de conclusão: Não se trata, aqui, de apontar de quem é a

<sup>3</sup> **Resíduos poluentes encontrados nas águas do Guaíba:** o óleo é um dos grandes poluidores da natureza e de difícil retirada das águas. Um litro de óleo descartado pode contaminar um milhão de litros de água (Cartilha distribuída pela PMPA - Educação Ambiental na Cidade Baixa).

culpa, ou quem é mais ou menos culpado, mas sim de se reconhecer responsável pela poluição que produz. Fazer essa crítica reflexiva, consideramos que abre caminhos para valores emancipadores e empoderadores. Dessas reflexões ambientais é que pode nascer o sujeito sensível às problemáticas ambientais e a busca por soluções com novas bases de conhecimentos e valores. O que observamos, no relato anterior, foi o saber popular sendo problematizado, num diálogo de saberes, no entendimento de um saber científico que estava sendo trazido para a discussão e avaliação do grupo.

Nesse diálogo de saberes e de dúvidas que permeavam o coletivo de mulheres, foi possível enxergar uma alternativa capaz de ajudar a solucionar a problemática do descarte dos resíduos de óleo de cozinha: a confecção de sabão ecológico, a partir da reutilização deste. Com isso, a comunidade se organizou para juntar os resíduos e quando se chegou à quantidade desejada, deu-se início à produção de sabões de glicerina ecológicos.



Figura 9 - Sabão Ecológico - Arquivo Pessoal.

O resultado desses diálogos foi dar um primeiro passo para a formação de um sujeito ecológico (CARVALHO, 2012) e de salientar que a sensibilidade e responsabilidade ambientais são necessárias a uma reflexão crítica sobre o lugar onde se vive e na luta para sua preservação. Essas reflexões resultaram em um engajamento da comunidade para o encontro de soluções para os problemas do cotidiano, como o descarte do óleo de cozinha usado. Uma solução sustentável, que poderia se constituir como fonte geradora de renda e de consciência ambiental popular.



### 4.3 Produzindo conhecimento: um encontro de saberes populares e científicos

A análise dos documentos aponta para o fato de que a ação de extensão realizada na associação comunitária de um Quilombo, um espaço educativo não escolar e popular, teve a intencionalidade de promover o diálogo de saberes entre as mulheres do grupo, sobre as ervas medicinais e a produção de sabonetes, buscando trazer algumas informações de cunho ambiental.

A partir das conversas, procurei dialogar com o grupo sobre a importância de se evidenciar o que já se sabe sobre um assunto, ouvir o que o outro sabe e entender o que sabemos como grupo. Para que esse diálogo ocorresse de forma coletiva, organizei uma oficina de chás de ervas medicinais, com suporte do material didático elaborado para o grupo e com os próprios chás, onde as mulheres pudessem reconhecer as ervas e, ao mesmo tempo, falar o que sabiam sobre elas ou o que não sabiam, perguntar, lembrar e aprender com essas novas “sapiências” e reflexões, que pairavam nesse espaço popular.



Figura 10 - Ervas, especiarias e anotações de campo - Arquivo Pessoal.

Como vimos, para Brandão (2015), as práticas da educação popular apresentam-se em processos educativos de caráter participativo, de reflexão coletiva em espaços autônomos e de solidariedade entre os membros. Durante a oficina sobre as ervas medicinais ocorriam falas significativas, registradas nos meus relatórios e memórias, as quais me levaram a reflexões no sentido de entender como o processo de elaboração do

conhecimento acontecia no momento em que estávamos conversando. Primeiramente, durante os diálogos, é possível perceber que várias perguntas surgiam:

- “*Que raiz é essa, sôra?*” (D. S, 72 anos, Relatório II, em anexo)

Respondo ser o gengibre. Acrescentei que era uma raiz forte e ardente, cujo chá era feito com pedaços do rizoma fresco fervido em água. Também destaquei que era usada para minimizar os sintomas de gripes, tosses, resfriados e até a ressaca (Lembro-me que ocorreram muitas risadas nesse momento!). Além disto, salientei que compressas quentes de gengibre eram indicadas para aliviar os sintomas da artrite, das dores de cabeça e na coluna, além de diminuir a congestão nasal e as cólicas menstruais. No decorrer da exposição, outras questões surgiram:

- “*Mas isso tá escrito aqui, sôra?*” (Sol, 47 anos, Relatório II, em anexo )

Ela estava se referindo ao material didático e impresso, organizado para essa oficina. Apesar de conhecerem a raiz em questão, as mulheres faziam perguntas. Segundo Paulo Freire (1985), essa é a forma dos sujeitos dizerem a sua palavra, duvidarem e participarem do processo de aprendizagem, ativamente. No caso deste grupo, também poderia ser compreendido como uma possibilidade de reafirmar seu conhecimento e até de demonstrar, para suas netas e as outras mulheres ali presentes, que sabiam do assunto em questão, porque depois de ouvir a resposta, confirmavam dizendo que era isso ou que lembraram o que já sabiam. Mesmo que nos dias de hoje a comunidade não plante mais chás e só utilizem os que são processados, disponíveis no comércio em caixinhas, faziam questão de destacar que usavam, em outros tempos, o chá *in natura*<sup>4</sup>.

Durante a oficina dos chás, lembro-me de ter perguntado se preferiam tomar chás em saquinhos ou se preferiam as folhas e, nesse momento, uma surpresa foi revelada com a resposta da senhora mais velha:

---

<sup>4</sup> In Natura: caracterizado por ser consumido em seu estado natural.

*-“Prefiro as mais naturais assim ainda em folhas, de preferência recém-colhidas, mas acontece que não temos mais chão pra plantar nossos chás, porque tudo aqui foi construído pra morar. Por isso, usamos mais os de saquinho mesmo”.* (D. S, 72 anos, Relato de Memória).



Figura 11 - Oficina de chás- saber histórico das mulheres - Arquivo Pessoal.

Enquanto conversávamos sobre as ervas, observei que as mulheres cochichavam entre elas as lembranças do tempo em que plantavam seus chás, mas que naquele momento não faziam mais isso (“Não tinham mais chão pra isso”). Demonstravam que não perderam esse saber histórico sobre as ervas e que, também, sabem como utilizá-lo no seu cotidiano, mesmo que não plantem mais. Em meio às tantas evidências oriundas de memórias, também houve espaço para novidades reveladas, quando uma das mulheres, tendo em mãos uma raiz parecida com a do gengibre, porém menor e amarela, me perguntou para que servia. Então, todas nós lemos no material didático os benefícios da zedoária, a raiz em questão. Trago, a partir das minhas memórias e dos registros nos relatórios, um diálogo que foi bastante significativo:

*Sol: – “Essa eu não conhecia, posso levar pra casa?”*

*Sal: - “Quer usar ou plantar”?*

*Sol: - “Posso plantar num vasinho”?*

*Sal: - “Sim, mas tens que esperar a raiz emitir os primeiros brotinhos. Depois podes plantar e, quando crescer terá raiz de zedoária. Podes colher as raízes e replantar se quiseres.”*

Percebi também que durante a demonstração de como fazer os chás *in natura* algumas mulheres faziam algumas anotações no espaço em branco do material didático entregue a elas, atentas a todas as informações.

Nesse dia, tive uma demonstração de vontade (de pelo menos uma delas) de plantar, dentro de suas possibilidades, para colher e usar a zedoária como um chá, mais tarde. Dessa conversa, foi possível trazer suas memórias e saberes sobre os chás e, também, a relação histórica da mulher com a terra, agora rompida, do cuidado e das alternativas para preservação, da partilha desse saber emancipador e de novos saberes para o grupo. Considero, assim como salienta Cunha (2014, p.134) que “da humanização e convivência respeitosa com todos os seres, nasce o processo educativo”.



Figura 12 - Oficina dos Chás - Arquivo Pessoal.



Figura 13 - Chás expostos sobre a mesa - Arquivo Pessoal.

Foram muitos os conhecimentos trocados ali naquela tarde, mas busco na minha memória, um em especial, que mexeu com o grupo. Perguntei ao grupo, com a



intencionalidade de falar sobre “o relógio do corpo humano<sup>5</sup>”: “*Vocês sabiam que existe um horário certo para tomar um chá feito com essas ervas? Se quisermos tratar a bexiga com ervas, como a cavalinha, teremos que toma-la entre 15h e 17h? Porque esse é o horário que a bexiga está em pleno funcionamento*”. Essa “pergunta-informação” causou um alvoroço no grupo. Todas queriam saber o horário adequado para se tomar o chá. Outras faziam relações com outros saberes, concordando com o horário relacionado ao órgão e ao propósito dos chás.

Inúmeras foram as partilhas de saberes. Também houve uma tentativa de aproximar os saberes populares e os científicos no grupo, com a intervenção da extensionista, assim como ocorreram discussões e reflexões necessárias para a formação do sujeito ecológico (CARVALHO, 2012). Nestas experiências, pode-se também observar o entendimento da Educação Ambiental Popular (SORRENTINO, 2014; REIGOTA, 1991), numa busca pela consciência crítica e reflexiva num diálogo empoderador.

#### 4.4. Surpresas reveladas

O trabalho realizado no Quilombo, com as oficinas de chás, sabonetes de ervas medicinais e sabão ecológico foi rico em aprendizagens. Em certa medida, porque se desenvolveu em um espaço educativo não escolar, o que permitiu novas formas de expressar o conhecimento e a si mesmas. Foram afetos e memórias, diferentes contextos e perspectivas, que constituíram este ambiente como um espaço educativo, de educação popular e de liberdade de criação, considerando que:

---

<sup>5</sup> Conhecimento atribuído à medicina tradicional chinesa.

RELÓGIO DO CORPO HUMANO NO RIO GRANDE DO SUL: “O Horto Medicinal: Relógio do Corpo Humano é uma metodologia de trabalho desenvolvida pela EMATER/RS-ASCAR e com concretização pela Pastoral da Saúde e pelo Escritório Municipal da EMATER-RS/ASCAR de Putinga/RS. Surgiu da necessidade de conhecer mais as plantas medicinais utilizadas pelas famílias e de reuni-las em um único local. O Horto oferece segurança na produção das plantas medicinais, livres de agroquímicos, animais e contaminantes, didaticamente serve de suporte do conhecimento, facilita o acesso da comunidade, preserva o ambiente e as espécies e promove a qualificação das atividades. Foi inaugurado em junho de 2004, em Putinga/RS. Há um fator inovador neste Horto, a união das plantas medicinais com os principais órgãos do corpo humano, informando os horários de maior atividade de cada órgão e quais as plantas recomendadas para tratamento de doenças específicas. O Horto é aberto a visitas da comunidade local e regional, serve de espaço para demonstrações técnicas de cultivo e uso de plantas medicinais e para a execução de dia de campo referente às plantas medicinais e à saúde. Todas essas práticas têm sido importantes ferramentas de divulgação deste trabalho de resgate do saber popular e do conhecimento científico.” (FONTE: [http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/1159290630\\_estudo\\_caso\\_HORTO\\_MEDICINAL\\_RELOGIO\\_DO\\_CORPO\\_HUMANO.pdf](http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/1159290630_estudo_caso_HORTO_MEDICINAL_RELOGIO_DO_CORPO_HUMANO.pdf))

Mais fundamental e gratificante, sobretudo para o indivíduo que está criando, é o sentimento concomitante de reestruturação, de enriquecimento da própria produtividade, de maior amplitude do ser, que se libera no ato de criar.” (OSTROWER, 2001, p.28)

Compreendo a partir das oficinas de sabonetes e à luz do que propõe Ostrower (2001) que o processo de criação ampliava a experiência da vitalidade de todas. Para as mulheres do grupo, criar não era um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação, um vivenciar-se no fazer. Não substituía a realidade, era a realidade. Contudo, era uma realidade nova que adquiria dimensões novas, pelo fato de estarem articulando em si e perante si mesmas, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos (OSTROWER, 2001). Olhando-as de maneira sensível, vendo os gestos, os olhos expressivos e o próprio produto resultante do criar, o sentimento revelado, a realidade manifestada, inventada e representada no objeto, era possível compreender a ocorrência de inúmeras aprendizagens. Estas, por sua vez, incluíam um sentimento de poder mudar e criar, de se mostrar no objeto inventado, de se representar e representar sua realidade. Foi a partir desse sentimento que percebi um crescimento interior que contribuiu para os processos emancipatórios das mulheres do grupo, que se viam capazes de mudar, de criar, inventar novas possibilidades, revelar-se e expressar seus sentimentos. Ampliar-se para a vida.

Também, nas entrelinhas, é possível captar ideias e percepções. Percebi que o fato de poderem produzir os seus sabonetes e direcioná-los ao que desejassem, permitiu a construção de outros entendimentos/conhecimentos, que o projeto de extensão não tinha a intenção primeira de alcançar. Um deles foi a repercussão dos aprendizados em outras instâncias, fora do Quilombo. Isto se revelou quando uma das participantes, a menina J. S, com 14 anos, neta de uma das senhoras do grupo, contou que levava para mostrar à sua professora na escola, os sabonetes de ervas feitos por ela, na sua comunidade. A surpresa para a menina foi que a professora convidou-a para demonstrar, aos seus colegas de turma, como se faziam os tais sabonetes. Tem-se aqui um fato de grande importância pedagógica: uma adolescente integrante de uma comunidade quilombola, que conseguiu mostrar seu conhecimento, recém adquirido em um espaço não escolar, na escola. Para ela foi, quem sabe, uma oportunidade ímpar e, para mim, um resultado inesperado e positivo, que serve para pensar os caminhos do conhecimento, em futuras reflexões.



Figura 14 - Sabonetes com ervas medicinais - Arquivo Pessoal.



Figura 15 - Sabonetes e ervas medicinais usados durante as oficinas - Arquivo Pessoal.



Figura 16 - Sabonete com erva em forma de flor - Arquivo Pessoal.



Figura 17 - Sabonetes de ervas medicinais sendo desenformados - Arquivo Pessoal.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início as considerações finais destacando a questão central que originou este trabalho: **como se dá a promoção dos conhecimentos e das trocas dos saberes populares e científicos, nesse grupo de mulheres, a partir de um olhar sensível/atento, voltado para a educação ambiental popular num espaço não escolar.**

Partindo deste questionamento, busquei entender como se dava a aprendizagem neste grupo, como ocorreu a elaboração dos conhecimentos surgidos nesse espaço através da troca de saberes entre as mulheres quilombolas e a extensionista, incluindo o diálogo entre saberes populares e acadêmicos.

Observei que elas usavam de suas memórias e experiências para relacionar e apropriar-se dos novos conhecimentos. Nesse sentido, ficou evidenciado que as novas aprendizagens e a manifestação dos conhecimentos prévios, foram possíveis por meio da troca de informações e na dialogicidade de saberes entre as participantes do grupo e a mediadora. Pelo tempo que estive na comunidade e pela experiência vivenciada naquele espaço, fui compreendendo que o grupo de mulheres reafirmou seus conhecimentos durante as oficinas de chás e de sabonetes de ervas medicinais ministradas, sendo acrescido das novas informações. No grupo, busquei legitimar e valorizar os saberes, garantindo o acesso e convivência desse bem ambiental (LEFF, 2009), para si e para comunidade, mesmo que de forma alternativa e adaptada ao contexto urbano (plantar em vasilhos, pois já não há mais terra para plantar).

Contudo, entendo que foi a partir da valorização desses saberes sobre as ervas, que aquelas mulheres tinham guardado em suas memórias e vivências, que se evidenciou para mim, o entendimento de como se dá a construção do saber popular em espaços não formais de educação, como esse em questão.

Acredito que por meio da transmissão entre as gerações, desse saber caracterizado como um bem ambiental e cultural, é que pode ser reafirmada, na comunidade, uma identidade quilombola com vistas à emancipação do grupo e conquista dos seus direitos. O uso das ervas e a retomada de saberes ancestrais, além de garantir a consolidação de um “saber ambiental” (LEFF, 2009, p. 18), pode produzir contrapontos a uma lógica onde há excessiva medicalização. A dominação da indústria farmacêutica reafirma que a medicalização das pessoas é parte integrante de um modelo

social e econômico, pautado no capitalismo e nas formações sociais capitalistas, que precisa ser questionado.

Ao fazer essas reflexões, percebi a importância dos projetos educativos, como a ação de extensão “Justiça com as Próprias mãos”, chegarem até outras comunidades e grupos sociais para, junto deles e com eles, estimulem a capacidade reflexiva e crítica de seus membros e para incentivar em todas e em cada pessoa, a busca de soluções para suas problemáticas, inclusive as ambientais. As reflexões feitas, de forma individual ou coletiva, abrem caminho para o entendimento da Educação Ambiental Popular, diminuindo o abismo que existe entre as relações humanas e o meio ambiente, como salientam Reigota (1991) e Sorrentino (2014), rumo à construção de uma sociedade sustentável.

Vale ressaltar que, no grupo, ao compartilhar esses saberes que as constituem como mulheres quilombolas, são levadas a construir um sentimento coletivo rumo ao entendimento do que se é e do que ainda se quer ser, como destaca Leff (2009). Assim, para as mulheres do grupo e para mim, aquele espaço educativo foi de trocas e valorização de saberes antes subjugados (LEFF, 2009), além da retomada de conhecimentos populares que, estavam esquecidos.

A constante dialogicidade, essencial para a educação como prática libertadora (FREIRE, 1987) se fez durante todas as oficinas e pude perceber, também, que todo o conhecimento que de alguma forma se apresentava naquele espaço, era partilhado sob a forma de conversas “ao pé do ouvido” e, em outras vezes, de forma mais direta, fazendo demonstrações para se fazer entender. Brandão (2015, p.10) destaca que “quando o homem sabe e ensina o saber, é através do saber das relações de objetos, de pessoas e ideias que ele está falando”. Nos espaços de aprendizagem, como os que pude vivenciar no grupo de mulheres, todas entendiam que quem sabe alguma coisa pode e deseja contar o que sabe, quer dividir, quer que o outro saiba também.

Dentre as reflexões, o potencial criador ter se mostrado como um processo contínuo que se regenera e muda por si mesmo (OSTROWER, 2001), por vezes, se tornou uma forma de comunicação, onde o objeto que estava sendo criado representava a voz do sentimento, era a figura representativa da realidade a ser mostrada, da dor, da tristeza, da alegria, do protesto, do desejo, da vergonha, do medo. Por fim, algo que não tinha voz, encontrava ali, nas oficinas, espaço para ser ouvido, falar e representar, mesmo que de outra forma: na forma de sabonetes. Sobretudo, o mais gratificante foi

perceber o poder do criar para aquelas mulheres e recriar-se para a vida, da certeza de sua vitalidade, por vezes, representada nos sabonetes.

Faço estas reflexões, convencida de que a minha intencionalidade de ensinar/criar nas oficinas de sabonetes, se fez na experiência, porque exigiu uma pedagogia diferenciada (baseada no contato individual, no respeito aos saberes dos educandos, no diálogo de saberes, na reflexão sobre a realidade vivenciada pelos sujeitos) das previstas em processos educativos formais, o que consideramos que seja uma forma interessante de questionar as pedagogias escolares.

Para finalizar é preciso mencionar o quão importante foi perceber que o trabalho docente pode ter outras ressignificações quando as protagonistas (o grupo de mulheres) estão no centro das transformações para a construção do conhecimento, valorizando os ensinamentos e valores populares. A intencionalidade da extensão universitária junto ao grupo foi privilegiar o ensino e a aprendizagem, pautada no respeito ao saberes da comunidade, suas significações e representações legitimando seus saberes populares construídos naquele espaço não formal, percebendo assim uma direção para outro fazer docente.

## REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**: introdução a uma sociologia reflexiva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Mediação Educadora**. In: ENCONTROS E CAMINHOS: FORMAÇÃO DE EDUCADORAS(ES) AMBIENTAIS E COLETIVOS E COLETIVOS EDUCADORES. v. 3, 2014, [s.l.]. Brasília: MEC, 2014.

\_\_\_\_. **O que é Educação Popular**. Disponível em: <<<http://ifibe.edu.br/arq/>.pdf, 2015.

CAPRA, Fritjof. **A Alfabetização Ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Coltrix, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_. **Subjetividade**. In: ENCONTROS E CAMINHOS: FORMAÇÃO DE EDUCADORAS(ES) AMBIENTAIS E COLETIVOS E COLETIVOS EDUCADORES. v. 3, 2014, [s.l.]. Brasília: MEC, 2014. p.399-304.

CUNHA, Aline. **Educação Popular**. In: ENCONTROS E CAMINHOS: FORMAÇÃO DE EDUCADORAS(ES) AMBIENTAIS E COLETIVOS E COLETIVOS EDUCADORES. v. 3, 2014, [s.l.]. Brasília: MEC, 2014. p.131-139.

FISCHER, Nilton Bueno. **Perplexidades, Desafios e Propostas na Educação Ambiental a partir das Trajetórias de um Pesquisador**. In: EDUCAÇÃO & REALIDADE, v.34, n.3, set/dez 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LEFF, E. **Complexidades, Racionalidade Ambiental e Diálogos de Saberes**. In: EDUCAÇÃO & REALIDADE. Porto Alegre. v.34, n3,set/dez.2009. p.17-24.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SORRENTINO, Marcos. **Educador Popular**. In: ENCONTROS E CAMINHOS: FORMAÇÃO DE EDUCADORAS(ES) AMBIENTAIS E COLETIVOS E COLETIVOS EDUCADORES. v. 3. Brasília: MEC, 2014. p.142-153.

REIGOTA, E. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

V. JUNIOR, A.J; VARGAS, I. A. Plantas medicinais e conhecimento tradicional quilombola: um diálogo com a educação ambiental. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas, n. 12, nov./2010.



## APÊNDICES

## Apêndice A - Material didático para as oficinas de sabonetes de ervas

### PROJETO “JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS”

#### Sabonetes Naturais de Ervas Medicinais

Bolsista: Salete Vedovatto Facco

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Aline Lemos da Cunha (UFRGS)

UFRGS/PROREXT

#### SABONETES ARTESANAIS COM ERVAS MEDICINAIS



#### Produtos químicos necessários:

- - 1 Kg de base de glicerina para sabonetes (branca ou transparente);
- 30 ml de essência para sabonetes;
- Corante;
- Álcool de cereais;
- Fixador de essências;
- Propilenoglicol;
- Lauril.
- 

Algumas essências são mais fortes que outras, dependendo da qualidade. Procure dosar ao seu gosto, não sendo necessário seguir à risca a quantidade especificada acima. Você vai encontrar esses materiais em lojas de artigos para perfumaria e farmácias de manipulação.

Material de apoio necessário:

- Panela de vidro, ou esmaltada (nunca usar de metal ou alumínio);
- Bastão de vidro;
- Moldes de silicone;
- Touca;
- Luvas;
- Filme plástico para embalar.

Passos:

- 1) Cortar a glicerina em pedaços pequenos;
- 2) Colocar a glicerina na panela para derreter;
- 3) Quando estiver totalmente derretida, colocar a erva escolhida, para que esta libere suas propriedades medicinais. (Ex: alecrim);
- 4) Após, retirar do fogo e colocar o corante aos poucos, até atingir a cor desejada;
- 5) Espere esfriar um pouco, até formar uma nata fina em cima da glicerina, para que o restante dos componentes não evaporem;
- 6) Adicionar a essência correspondente a erva escolhida (se escolheu alecrim, a essência será de alecrim), o propilenoglicol (para dar consistência), o lauril (para fazer mais espuma) e o fixador (para fixar a essência). Mexa com o bastão de vidro. Evite mexer muito, pois poderá fazer espuma. Se isso acontecer, borrife álcool de cereais para retirá-la;
- 7) Segure, com o bastão de vidro, a película que se forma e despeje o líquido na forma escolhida;
- 8) Já na forma, borrife álcool de cereais para evitar a formação de espuma;
- 9) Espere secar;
- 10) Se necessário, retire a rebarbas;
- 11) Aguarde, em média 2 horas, para embalar em filme plástico.

## Apêndice B – Material sobre ervas medicinais

### Ervas medicinais e seu poder para a pele

**Sete Ervas:** adstringente, analgésica, refrescante, anti-envelhecimento, anti-inflamatória, antisséptica, cicatrizante, emoliente, amaciante, hidratante, anti-acne para pele oleosa.

**Alecrim:** (*Rosmarinus officinalis*) analgésico, refrescante, anti-inflamatório, antisséptico, estimulador da circulação periférica, anti-acne, tônico para pele oleosa.

**Aloe e Vera / Babosa:** (*Aloe barbandensis*) anti-envelhecimento, cicatrizante, emoliente, amaciante, fotoprotetora, hidratante, nutritiva, revitalizante, para peles sensíveis e danificadas.

**Aveia:** (*Avena sativa*) anti-envelhecimento, cicatrizante, emoliente amaciante, fotoprotetora, hidratante, nutritiva, revitalizante, para pele seca sensível e danificada.

**Camomila:** (*Matricaria chamomilla* L.) adstringente, analgésica, refrescante, anti-alérgica, clarificante, anti-inflamatória, fotoprotetora, anti-acne, calmante, tônica, para peles sensíveis e danificadas.

**Canela:** (*Cinnamomum cassia* nees) analgésica, refrescante, antisséptica, fotoprotetora, tônica, afrodisíaca, para pele normal e artrite.

**Calêndula:** (*Calendula officinalis*) A calêndula reduz o estresse oxidativo causado pelos raios solares, promovendo efeito fotoprotetor e retardando o envelhecimento da pele.

**Cravo da Índia:** (*Dianthus caryophyllus*) analgésico, refrescante, antisséptico, emoliente, amaciante, hidratante, para peles sensíveis e danificadas.

**Erva Cidreira / Capim Limão:** (*Cymbopogon citratus*) analgésica, refrescante, anti-séptica, estimulador da circulação periférica, emoliente, anti-acne, para pele oleosa.

**Erva Doce / Anis:** (*Pimpinella anisum*) analgésica, refrescante, antisséptica, emoliente, amaciante, hidratante, anti-acne, relaxante, para peles oleosas, sensíveis e danificadas.

**Eucalipto:** (*Eucalyptus citriodora*) refrescante, bactericida, antimicótico, desodorante, cicatrizante, para pele normal.

## Apêndice C – Material sobre sabão ecológico

### Sabão Ecológico, oficina de sustentabilidade



#### Sabão com álcool/glicerina

- 2 litros de água – temperatura ambiente a morna – nunca quente
- 1 quilo de soda cáustica (NaOH) em escamas (marca Bel)
- 4 litros de álcool
- 4 litros de óleo vegetal, pós-consumo, peneirado (é bom aquecer para ajudar na separação das impurezas, dos restos e + um de sebo).
- 5 ml de essência de óleo aromático, se quiser
- Bacia de plástico para misturar os ingredientes
- Colher longa ou pá de madeira
- Formas para colocar o sabão para secar e dar forma

\*Colocar no recipiente todos os ingredientes, na ordem.

**CUIDADO COM O VAPOR QUE SOBE NA HORA DE COLOCAR A SODA CAÚSTICA.**

- 1º Aquecer o óleo e peneirar com uma peneira de metal, colocando numa bacia de plástico e acrescentar o álcool.
- 2º Em outro recipiente de plástico (pode ser um balde) colocar a água e depois a soda e mexer até dissolver toda.
- 3º Colocar na bacia (onde está o óleo) toda a mistura do balde.

Imediatamente comece a mexer. A mistura vai começar a ferver, uma fervura química sem fogo.

Cuidado para não respirar o gás que sairá, por isso é importante fazer onde tenha espaço ao ar livre, diminui a chance de riscos.

É importante respeitar a ordem e a continuidade, deixe todos os ingredientes à mão. Mexa até a mistura ficar em ponto de fio, sem parar.

O tempo pode demorar de 20 a 30 minutos, depende da temperatura dos ingredientes, da marca da soda e outras variáveis.

Coloque na forma para secar de 2 a 4 horas.

Não deixe mais que isso para não ficar difícil de desenformar e cortar.

Vire a forma em uma superfície lisa e corte em pedaços. (aprox. 45 pedaços)

### **Armazenamento**

De início, deixe em uma caixa de papelão, para secar, depois, quando começar a cristalizar – aproximadamente em 15 dias - embale em plástico para não secar demais ou passe um plástico filme.

## Apêndice D – Material para a oficina dos chás

### Oficina dos chás e sua hora certa para tomar



*O que é o relógio do corpo humano?*

Em nosso corpo, cada órgão apresenta duas horas diárias de máxima atividade. Portanto, nesses horários, as propriedades das plantas são mais bem metabolizadas pelo corpo. Ou seja, informando-se dos horários de maior atividade de cada órgão e quais as plantas recomendadas para tratamento de doenças específicas, o tratamento será mais eficaz. SALETE VEDOVATTO FACCO - PEDAGOGIA –UFRGS

A seguir, descrevem-se os órgãos do corpo, as plantas cultivadas, seus nomes científicos e suas propriedades, bem como o horário de maior atividade de cada órgão:

• **1. Fígado** (1h às 3h)

– Alcachofra - *Cynara scolymus* – é depurativa, baixa o colesterol, atua no combate da diabetes, elimina o ácido úrico, é hepatoprotetora, diurética e digestiva.

• **2. Pulmão** (3h às 5h)

– Pulmonária – *Stachys byzantina* – Atua nos problemas respiratórios, asma, tosse, bronquite e garganta.  
- Violeta de jardim – *Viola odorata* – é expectorante, para problemas respiratórios, tosse, asma.

• **3. Intestino Grosso** (5h às 7h)

– Linhaça – *Linum usitatissimum* – é refrescante intestinal, fundamental para quem sofre de prisão de ventre ou hemorróidas.  
- Tansagem – *Plantago sp.* – anti-inflamatório, cicatrizante, depurativa, a folha é antidiarreica.

• 4. **Estômago** (7h às 9h)

- Hortelã – *Mentha sp.* – É digestiva, para problemas hepáticos, má digestão e vermífoga.
- Manjerição – *Ocimum sp.* – digestiva, condimentar, conservante natural, antisséptica, sudorífica, antirreumática.

• 5. **Baço e pâncreas** (9h às 11h)

- Pariparoba – *Piper dilatatum* – depurativa, ativa o baço e o pâncreas, digestiva, antiinflamatória e cicatrizante.
- Sete sangrias – *Cuphea sp.* – ativa a circulação, depurativa, digestiva antitérmica.
- Salsinha - *Petroselinun crispun*- indicada para pressão alta e circulação do sangue.

6. **Coração** (11h às 13h)

- Alecrim - *Rosmarinus officinalis* – ativa a circulação, conservante natural tônico da mente e do corpo, antisséptica e digestiva.
- Pfáfia – *Pfafia glomerata* – estimulante, ativa a circulação e a memória, usada para o mal de Parkinson, estrias, flacidez da pele, labirintite e artrose.

• 7. **Intestino delgado** (13h às 15h)

- Mil folhas – *Achillea millefolium* – analgésica, antitérmica, anti-inflamatória, digestiva, diminui cólicas é cicatrizante.
- Funcho – *Foeniculun vulgare* – digestiva, analgésica, antitérmica, diminui cólicas.

• 8. **Bexiga** (15h às 17h)

- Cavalinha – *Equisetum sp.* – Rica em sais minerais, remineralizante, imunoestimulante, cicatrizante, para incontinência urinária, para problemas de próstata e osteoporose.
- Malva – *Malva parviflora* – expectorante e laxativa, anti-inflamatória, principalmente para boca garganta e bexiga.

• 9. **Rins** (17h às 19h)

- Quebra-pedra - *Phyllanthus nirure* – analgésica, contra cálculos renais, usada em casos de hepatite.
- Carqueja – *Baccharis sp.* – diurética, antisséptica, antimicrobiana, digestiva, cicatrizante.

Arnica – *Wedelia palludosa* – ativa a circulação periférica, contusões, dores musculares.

• 10. **Circulação** (19h às 21h)

- Alcanfor – *Artemisia camphorata* – analgésica, bactericida e antisséptica .
- Hortelã - *Mentha Piperita Linn*- circulação também age no sistema nervoso e coração.

• 11. **Sistema digestivo, respiratório e excretor** (21h às 23h)



- Sálvia – *Salvia officinalis* – digestiva, vermífuga, depurativa, antisséptica, condimentar e analgésica.
- **Tomilho** - *Thymus vulgare* - digestiva, condimentar, depurativa, antisséptica.

- **12. Vesícula biliar** (23h às 1h)

- Bardana – *Arctium lappa* – para cálculos biliares, depurativa diurética digestiva e cicatrizante.
- Dente-de-leão – *Taraxacum officinalis* – comestível, rica em vitaminas, digestiva e depurativa.

- **13. Sistema Epitelial**

- Confrei – *Symphytum officinale* - cicatrizante, emoliente, antipsoríase.
- Calêndula – *Calendula officinalis* – antialérgica, anti-inflamatória, cicatrizante, antisséptica, bactericida, antifúngica.
- Babosa (*Aloe vera*, *A.saponarea*, *A. arborescens*), regenerador de tecidos, anticasca, anti-inflamatório, emoliente, umectante, cicatrizante e antiqueda de cabelo. Todas para uso externo.

## Apêndice E – Material Didático para as oficinas de chás

### Alfabeto das Plantas Medicinais

#### A

Abacateiro: diurética, cálculos renais, fígado, rins, bexiga.

Alcachofra: Diminui o colesterol, digestivo, hepático.

Alecrim: estimulante, circulatório, tônico capilar e inalação.

Alecrim do Campo: Tônico, vias respiratórias e banhos relaxantes.

Alfafa: Baixa o colesterol, osteoporose, raquitismo, relaxante.

Alfavaca: Rins, prisão de ventre, aftas, bronquite, gripes fortes.

Alfazema: Calmante, asma, gases, rinite, analgésica nas dores.

Algodoeiro: Hemorragia uterina, regras profusas, reumatismo.

Ameixa folhas: Prisão de ventre, laxativo médico, azia.

Angico: Diarréia, desenteria, gripes. Uso externo: Lavagens e gargarejos.

Aniz Estrelado: Relaxante, insônia, gases (infantil e adulto).

Aquileia-Mil Folhas: Analgésica, febrífuga, bactericida, menopausa.

Arnica: Anti-inflamatória, reumatismo, artrite, artrose, dores.

Arueira: Diurética, ciática. Uso externo: Contusões, icterícia.

Arruda: Amenorréia. Uso externo: Varizes, flebites, abscessos, erisipela.

Avenca: Afecções catarrais, bronquite, tosse, laringite.



#### B

Bálsamo: Incontinência urinária, expectorante. Uso externo: Afecções da pele.

Ban Chá: Desintoxicante, digestivo, colesterol e emagrecedor.

Barbatimão: Gastrite, úlceras. Uso externo: Cicatrizante, lavagem íntima.

Bardana: Desintoxicante, depurativo, cicatrizante, colesterol.  
 Batata de Purga: Laxativo energético, depurativo.  
 Betula: Gota, colesterol, triglicérides, ácido úrico, dores.  
 Boldo do Chile: Hepatoprotetor, fígado, pâncreas, vesícula.  
 Buchinha do Norte: Uso externo para inalação contra a sinusite.  
 Bugre/Porangaba: Ácido úrico, gota, depurativo, emagrecedor.

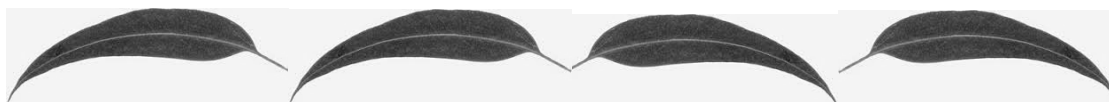
## C

Cabreúva: Diabetes, reumatismo, coluna, gota, contusões.  
 Cactus: Cardiotônico, contra palpitações, síndromes cardíacas.  
 Cajueiro: Diabetes, colesterol, triglicérides, depurativo.  
 Calêndula Flor: Cicatrizante, calos, verrugas, frieiras, manchas.  
 Cambará: Expectorante, balsâmico, tosse e gripes.  
 Cambuí: Anti-hemorrágico, é usado nas vias respiratórias.  
 Camomila: Estomacal, nas cólicas das crianças e enxaqueca.  
 Cana do Brejo: Diurético, anti-inflamatório, cistite, próstata.  
 Canela: Estimulante, gripes, resfriados, febres.  
 Capim Cidrão - Erva Cidreira: Trata insônia, agonia, palpitações.  
 Capim Rosário: Depurativo das vias urinárias.  
 Carapiá: Afrodisíaco, irregularidades do fluxo menstrual.  
 Cardo Santo: Febrífugo, coqueluche, asma, bronquite, estomacal.  
 Carqueja Doce: Hepatoprotetora, digestiva, diurética, emagrecedora.  
 Carqueja Amarga: Depurativa, emagrecedora, colesterol, diabetes.  
 Carrapicho: Dores lombares, males da bexiga, rins.  
 Carobinha: Deputativa, anti-alérgica, desinteria, prostatite.  
 Casca de Laranja: Relaxante, digestiva, aromática.  
 Castanha da Índia: Má circulação, flebite, hemorróidas e varizes.  
Cavalinha: Diurético, ácido úrico, circulação, hipertensão, rins.  
 Centella Asiática: Celulite, gordura localizada, circulatória, caimbras.  
 Chá Preto: Estimulante, digestivo, tônico.  
 Coentro Grão: Digestivo, gases intestinais, colite.



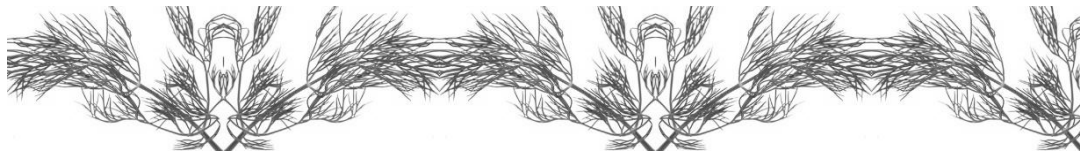
## E

Erva de Bicho: Tratamento de hemorróidas e úlceras, varizes, uso interno/externo.  
Erva Doce: Gases intestinais, cólicas, estimulante.  
 Erva Passarinho: Moléstias pulmonares. Uso Externo: Eczemas, sarna.  
Espinhera Santa: Gastrite, úlcera, calmante das paredes estomacais.  
 Estigma de Milho: Hidratante dos rins e cólica renal.  
 Eucalipto: Desinfetante das vias respiratórias e balsâmico.



**F**

Funcho: Gases, digestivo e relaxante.

**G**

Gengibre: Asma, bronquite, rouquidão, colesterol.

Gingko Biloba: Atua nos radicais livres. Oxigenação cerebral.

Goiabeira: Combate a diarreia e afecções da garganta.

Guaco: Expectorante, tosse, bronquite e resfriados.

Guaraná: Estimulante físico e mental.

**H**

Hortelã: Espasmos, náuseas, azia, relaxante, dispepsia nervosa.

**J**

Jasmim Folhas: Digestivo, alcoolismo, cardiotônico, circulatório.

Jasmim Flor: Relaxante, digestivo, insônia.

**L**

Linhaça: Laxante brando, gases intestinais.

Losna: Falta de apetite, diabetes, fígado, pâncreas, biliar, mau hálito..

Louro: Amenorréia, nevralgia, cólicas estomacais e menstruais.



**M**

Maçã: Digestivo, relaxante, debilidade estomacal.

Macela: Anti-diarréica, fígado, pâncreas, colite, vesícula.

Manjericão: Anti-inflamatório, garganta, tosse, digestivo.

Mate: Tônico cerebral, estimulante, digestivo, diurético.

Melão de São Caetano: Regulariza o fluxo menstrual. Uso externo: piolhos.

Melissa - erva cidreira: Cardiotônica, calmante, gastrite crônica.

Menta: Digestivo, espasmos, cálculos biliares.

**N**

Noz Moscada: Estomacal, cólicas, arrotos, soluços, hipertensão.

**P**

Pau Ferro: Diabetes, diminuindo o volume da urina e sede.

Pata de Vaca: Diabetes, depurativa, diurética.

Pitanga: Febre, ácido úrico, diabetes, colesterol.

Poejo: Expectorante, gripes, resfriados, tosse crônica e asma.

Pulmonária: Trata pneumonia, tuberculose, efizema pulmonar.

**Q**

Quebra Pedra: Cálculos renais, dores lombares, próstata, cistite.

**R**

Romã Casca: Afecções da laringe, faringe, cicatrizante.

Rosa Branca: Inflamações uterinas, rins. Uso Externo: Banhos.



**S**

Sabugueiro Flor: Febre, resfriados, catapora, sarampo, escarlatina.

Sálvia: Tônico mental, digestivo eficaz, males da menopausa.

Salsaparrilha: Altamente depurativo, colesterol, ácido úrico, acne.

Sucupira Sementes: Reumatismo agudo, osteoporose, laringe.

**T**

Tanchagem: Gargarejos, gengivites, purifica o sangue.

**V**

Valeriana: Calmante, insônia crônica, stress, labirintite.

**Z**

Zedoaria: Gastralgias, estomatites, úlceras, mau hálito.



## Apêndice F – Relatório das Atividades do Projeto de Extensão

Ação de Extensão: Justiça com as próprias mãos

Bolsista de extensão: Salete Vedovatto Facco  
sementesdomundo@hotmail.com

Coordenadora da Ação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Aline Lemos da Cunha (UFRGS)

Relatórios das atividades no quilombo

*Quarta-feira, 05 de junho 2013*

No dia 05 de junho, quarta-feira, ao chegar no quilombo, encontrei a D. I me esperando na porta; logo depois chegou a D. S, que vem direto da sua casa que fica bem em frente a associação e me diz:

- *“Professora não preciso colocar meus dentes, né?”*

Explica-me que os dentes não estão justos e machucam. Em seguida pede desculpas e diz: - *“Não repare, mas hoje eu tô de chinelo velho, bem à vontade, professora.”*

-*“Chegou o dia!”* - Diz uma das participantes, muito entusiasmada. Pq hj iríamos começar outra vez os sabonetes.

Numa mesa, colocada no centro da sala, fizemos o término da “cura” das ervas, que consiste em secar, destalar e armazenar-las; e demos seguimento ao processo de conhecimento de todos os ingredientes e materiais necessários para confeccionar os sabonetes, bem como utensílios que usaremos.

Passo a passo fui mostrando como cortar e derreter a base de glicerina, como corar, usar as essências, por as ervas, como centrar nas formas e por fim esperar para que esfriem e desenformar...

Todas fizeram desde o início. Desde cortar a glicerina até desenformar o sabonete já pronto. Esse processo mostrou-me que o fato havia mexido com os sentimentos das mulheres. E a evidência estava no entusiasmo da D. S ao dar “gritinhos e pulinhos” para mostrar a alegria que sentia no momento que desenformava o seu primeiro sabonete.

-*“Ai, que lindo!! Que lindo e cheiroso”*. (D.S - diretora da associação do quilombo).

Parece pouco; mas não para elas. Agora acreditam que é possível fazer, em poucas horas, um sabonete de ervas medicinais. E mais, que elas são capazes disso.

Não foi possível tirar todos os sabonetes das formas, porque estavam moles. Ficaram para semana que vem.

## Apêndice G – Relatório das Atividades do Projeto de Extensão

Ação de Extensão: Justiça com as próprias mãos

Bolsista de extensão: Salete Vedovatto Facco  
sementesdomundo@hotmail.com

Coordenadora da Ação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Aline Lemos da Cunha (UFRGS)

### Relatórios das atividades no quilombo

Quarta-feira, 26 setembro 2014

Já havíamos conversado na semana anterior com as participantes e ficou combinado, com elas, que na tarde seria feita uma oficina de chás e reconhecimento de seus saberes sobre as ervas, e também uma troca de conhecimentos sobre essas ervas, para uso fitoterapêutico. Até agora as ervas só estavam sendo usadas nos sabonetes artesanais.

Organizei uma oficina de chás de ervas medicinais para que elas conhecessem um pouco mais sobre as ervas. Levei um material didático impresso em letras grandes, pois algumas tem dificuldades pra ler, de A a Z das ervas com poder medicinal, levei raízes e também algumas flores, cravo canela e pimenta.

Começamos fazendo o chá e tomando e começamos a conversa sobre as ervas e surgia muitas perguntas sobre: *pra que serve esse?* ou *esse eu conheço?*. Mas a surpresa foi a raiz de gengibre que S fez muitas perguntas:

- *“Que raiz é essa, sôra?”*

Respondo ser o gengibre, uma raiz forte, ardente, que dá origem ao chá de gengibre, feito com pedaços do rizoma fresco fervido em água, usado no tratamento contra gripes, tosse, resfriado e até ressaca (lembro que ocorreram muitas risadas nesse momento!). Além disto, as compressas quentes de gengibre são indicadas para aliviar os sintomas de artrite, dores de cabeça e na coluna, além de diminuir a congestão nasal e as cólicas menstruais.

- *“Mas isso tá escrito aqui, sôra?” (S)*

Então, todas nós lemos no material didático. A S queria saber sobre benefícios da Zedoaria. *Essa eu não conhecia, posso levar pra casa?* Respondo que sim, mas perguntei: *Quer usar ou plantar?* E ela disse: - *Posso plantar num vasinho?* Disse que sim, mas que teria de esperar a raiz emitir os primeiros brotinhos, depois podia plantar, e que quando crescesse teria raiz de gengibre, podendo colher as raízes e replantar se quisesse. Percebi, também, que algumas mulheres faziam algumas anotações no espaço em branco do material didático entregue a elas.

Foi uma tarde muito proveitosa, divertida e de conhecimento. Percebi que conhecem os chás, mas não plantam mais, só compram de caixinha. Gostaram de se lembrar do chá “fresquinho”.



**ANEXO**

## ANEXO A – Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
 DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Senhor/a \_\_\_\_\_,

Apresentamos a Vossa Senhoria a estudante universitária SALETE VEDOVATTO FACCO, RG nº 1045656467, regularmente matriculada na disciplina EDU 03082 – Reflexão sobre a prática docente – EJA do curso de Pedagogia desta Universidade.

Este trabalho de conclusão tem como base para as reflexões feitas a partir dos relatórios reflexivos e das memórias da estudante, possíveis a partir da atividade extensionista realizada em sua comunidade, na qual foram produzidos sabonetes artesanais com ervas medicinais, nos anos de 2013 e 2014. Neste momento, além de, mais uma vez, agradecer-lhes pela oportunidade e pela confiança em nosso trabalho, registramos nosso convite para que, em data divulgada antecipadamente, compareçam à Universidade, a fim de assistirem à defesa deste trabalho de conclusão de curso para a banca examinadora.

Agradecendo antecipadamente a compreensão de Vossa Senhoria e a disposição em proporcionar que a estudante possuísse informações e subsídios para estudos da disciplina e do trabalho de conclusão, despedimo-nos.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Aline Lemos da Cunha Della Libera  
 Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG de número \_\_\_\_\_, ( ) estou de acordo / ( ) não estou de acordo que o nome da Comunidade seja citado no referido trabalho de conclusão. Estou ciente que esta pesquisa foi desenvolvida pela estudante-pesquisadora Salete Vedovatto Facco, graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da professora Dra Aline Lemos da Cunha Della Libera.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do/a Diretor(a) ou Responsável

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Telefone para contato: 3308 4130 \* As originais foram guardadas e estão devidamente assinadas.